

■ Palavras Ocas

DERLI MACHADO

Graduado em Letras, pós-graduado (lato sensu) em Língua Portuguesa: Leitura e Produção de Texto. Atualmente faz mestrado em Letras na UFS, é professor substituto e cursa Teatro nesta mesma instituição. Este conto foi premiado no Prêmio Banese de Literatura, ano 2006.

O relógio desperta às seis horas em ponto. Ela levanta. Ele já está no computador. Ela passa, olha. Nenhuma palavra. Depois vai até a cozinha. Minutos depois ele fecha a máquina. Ela, o fogão. Os dois se encontram no corredor.

- Acordou cedo!
- Tive insônia.
- Eu também quase não dormi.
- É o som alto desse bar ligado à noite toda...
- É mesmo.
- Já esquentou a água pro café?
- Já.
- Cadê?
- Esquentei só pra mim.
- Ah tá. Ih! Acabou o fósforo.

Abre a porta.

- Aonde você vai?
- Pedir na vizinha.
- Já vou... Estou atrasada.

Às pressa, sem despedir-se, ela desce a escada.

Ele toca a campainha. A vizinha atende sorrindo.

Bom dia. Desculpe incomodá-la assim tão cedo. É que surgiu um imprevisto. Acabou o fósforo bem na hora que eu ia esquentar a água do café.

- Não tenho fósforo. Mas entre. O café tá na mesa.

Sente-se.

- Tava muito bom. Obrigado.
- Volte quando quiser.
- Tchau!
- Tchau!

O relógio marca 12 horas. Ele chega. Ela já está em casa.

- O almoço tá pronto.
- Tá!

Ele faz o prato e vai comer com ela, a TV; ela, a esposa, fica na copa. Uma hora depois, esbarram-se no corredor do apartamento. Ela pára em frente dele. Passa as mãos no cabelo freneticamente.

- Não notou nada de diferente?

Ele arregala os olhos e observa ao redor.
– O sofá está no mesmo lugar, o aquário também...
a estante idem... Não, não notei nada de diferente.
– Ah, deixa pra lá!
– Eu já estou saindo.
Toca o telefone. Ela atende.
– É pra você.
– Quem é?
– Não sei.
– Como assim, não sabe?
– Não falou nem eu perguntei.
– Pergunte quem é e peça pra deixar recado que
depois eu ligo.
– Ei, a máquina de lavar está com defeito.
– Liga pra assistência técnica, já disse.
Ela encostada na pia. Ele na porta.
– Mais alguma coisa?
– Ah! Não esqueça a comida da Bruna.
– Tá legal. Vou descendo.
Ela o chama:
– Escuta – disse ela aumentando o tom de voz. –
Sabe que dia é hoje?
Pensou, lembrou, repensou, relembrou.
– Ah, ainda bem que você lembrou. É dia de pagar
as contas.
Volta e apanha os boletos que estão presos na
geladeira.
Seis da tarde. Ele chega. Ela se aproxima. Ele se
agacha e a apanha no colo. Ela lambe o rosto dele. Ele a
beija no focinho.
– Olha só quem chegou... a comidinha da Bruninha,
olha a comidinha da Bruninha...
A cadelinha abana o rabo. A mulher observa.
– Chegou mais cedo – disse ela – Alguma coisa?
– Não.
– Trouxe o pão?
– Tá na mesa. Onde está minha toalha?
– Tá na máquina. Botei pra lavar. Pegue uma limpa.

Demorou-se no banheiro. Saiu. Ela assiste à novela.
Cena romântica. Algumas lágrimas escorrem no seu rosto.
Ele censura.

– Agora deu pra chorar vendo novela?

Ela se aborrece.

– Dei, por quê? Tá te incomodando?

– Calma! Não tá mais aqui quem falou.

Ele aproxima-se da porta.

– Você já vai?

– Já!

– Não vai tomar café?

– Tô sem fome.

– O que você tem?

– Tenho aula de pós-graduação.

– Perguntei por que tá com essa cara?

– Como assim essa cara? Por acaso tenho outra?

– O que você tá sentindo?

– Nada! Onde está o documento do carro?

– Na minha bolsa.

– Não esqueça de levar a chave.

Por volta das dez horas da noite. Ele chega.

– Chegou mais cedo.

– Foi. Não tive a última aula.

– Já vou deitar.

– Tá, daqui a pouco eu vou.

– O que você vai fazer?

– Hoje tem futebol.

– Então... boa noite.

– Boa...

Ele liga a televisão e dorme antes do jogo. Lá pelas tantas da madrugada ela desliga o aparelho e chama o marido pra cama. Deita, vira, desvira...

– O que é que há com você?

– Nada.

– Então dorme!

– Não consigo.

– O que você tem?

– Estou com calor.

Ele liga o ar condicionado. Ela, alérgica, apanha o

travesseiro e o ededron e vai dormir na sala. O relógio desperta às seis horas em ponto. Ele levanta, ela já está no computador. Ela avisa:

– Enviei um e-mail pra você.

Ela sai. Ele abre a caixa de mensagens: “Ontem fizemos um ano de casados... pareceu uma eternidade...”.

Ele a procura desesperadamente pelo apartamento. Ela não está. Ouve-se um disparo de arma de fogo no apartamento da vizinha. Ele corre até lá. Surpreso. A vizinha está caída no chão. A mulher impunha uma arma.

– O que você está fazendo aqui? O que foi que você fez?

– Acabou... Acabou o fósforo, apagou a chama, meu bem...

Outro disparo. Mais um corpo estendido...